

TERRA DE VAQUEIROS

Resenha: MEDRADO, Joana. *Terra de vaqueiros: relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1900*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. 227 p.

Eliseu Santos Ferreira Silva

Mestrando em História pelo PPGH-UFBA

Terra de vaqueiros, título do livro da historiadora Joana Medrado, tem como objetivo analisar as relações entre fazendeiros e vaqueiros, em Jeremoabo, nas duas últimas décadas do século XIX. A obra é resultado de sua dissertação defendida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2008. Também busca, numa perspectiva revisionista, resgatar o universo da cultura política manifestados nas negociações cotidianas nas fazendas e alhures. Para contrapor visões “clássicas”, segundo a autora, baseadas em relatos de viajantes, que reduzia as relações sociais do vaqueiro ao seu “fiel” fazendeiro acarretando uma “servidão inconsciente”, Joana Medrado mergulha nos escritos dos memorialistas, folcloristas e na literatura popular de cordel e, também, escarafuncha as fontes históricas: correspondências privadas, processos-crime, inventários *post mortem*, testamentos e depoimentos orais. Outros assuntos também aparecem na obra: aspectos da escravidão em Jeremoabo, da abolição e a guerra de Canudos.

O livro de Joana Medrado está organizado em quatro capítulos que se dedicam a analisar minuciosamente as relações de trabalho e a cultura política em Jeremoabo. Para compreender as relações de dominação e resistência no cotidiano laboral, a autora utilizou, em sua perspectiva analítica, o que ela chamou de “inversão do olhar”, destarte, seria possível compreender as expectativas e necessidades dos vaqueiros a partir do próprio olhar, “e não a partir do olhar do fazendeiro” (p. 201). Sua intenção primordial é colocar o vaqueiro como agente ativo e desmitificar a ideia de dependência total e “inconsciente”. O que parecia uma simples sujeição poderia ser uma estratégia de sobrevivência, assim, bastava uma “quebra” nos laços de solidariedade para tensões virem à tona demonstrando o que os vaqueiros reconheciam como justo e de direito adquirido.

No primeiro capítulo, Medrado oferece uma visão geral da comarca de Jeremoabo. A autora investiga aspectos históricos da comarca para compreender a

gênese da atividade pecuária na região. Nesse momento do livro, Joana Medrado elucida a respeito da política de dominação no sertão baiano e sobre as diferenças ocupacionais entre: vaqueiros, administradores e procuradores. Essa preocupação em diferenciá-los é importante, pois “foram em geral ignoradas nas falas de memorialistas e historiadores do início do século XX”. (p. 45). Os vaqueiros comuns eram aqueles que lidavam com o gado, cuidavam dos locais de criação e de suas enfermidades; o procurador era os que “representava o proprietário por meio de uma procuração que o habilitava a resolver questões burocráticas e cartoriais” (idem). Já o administrador, além obviamente de gerenciar de fato as fazendas, era quem se reportava diretamente ao proprietário. A categorização dessas ocupações é importante no tocante ao *status* social atribuído a cada um. Outros temas são abordados nesse capítulo, a saber, o estabelecimento da família Dantas (de grande influência político no período em estudo pela autora), a criação de animais, a lavoura e a carência de mão de obra. Nesse capítulo também podemos perceber quem eram os grandes e pequenos proprietários da comarca de Jeremoabo. A autora analisou, através de inventários *post mortem*, a riqueza material dos habitantes de Jeremoabo e, através disso, qual era o maior tipo de investimento dos populares. Outra observação importante é sobre a conjuntura da época, segundo Joana Medrado, “especialmente depois de abolida a escravidão, todas as camadas sociais aumentaram o investimento em gado em geral e no gado *vacum* em particular” (p.73). Ela demonstra que a atividade pecuária elevaria o prestígio individual mais do que uma profissão, era uma identidade, uma condição social.

O segundo capítulo aborda as relações sociais e os conflitos entre os habitantes de Jeremoabo, bem como os furtos de animais. A partir dos autos criminais entre 1880 a 1900, a autora adentra no universo cotidiano das relações de poder, segundo ela “os mesmos processos podem nos ajudar a identificar o perfil social de personagens importantes no contexto, como os fazendeiros, vaqueiros, criadores e lavradores” (p. 85). Aqui vários episódios remontam a teia de relações conflituosas nos âmbitos de trabalho que chegavam a situações “limites”. São crimes contra a propriedade que demonstravam uma miríade de significações: estratégias de liberdade, defesa de direitos costumeiros e busca pela sobrevivência. Nesse contexto envolto de convulsões sociais e políticas (guerra de Canudos, abolição da escravatura, início da República e grandes secas) surgia também o ‘ladrão de ocasião’ (p. 98).

De modo sensível, Joana Medrado identificou significados ocultos em ações caracterizadas pelos órgãos repressivos como crimes de roubo. Em alguns casos de furto de gado nessa região, a autora observou que era “uma forma de compensar a roça estragada” além de ser “uma espécie de represália ao fazendeiro” (p. 101). Essa conclusão, dentre outras, remontam o cotidiano de disputas internas nas fazendas, e também demonstra os laços de solidariedade dos vaqueiros com outros vaqueiros e com os fazendeiros.

O prestígio social do vaqueiro é o tema do terceiro capítulo. Nesse capítulo, a principal fonte documental são correspondências escritas por vaqueiros remetidas a um dos mais poderosos fazendeiros locais, o barão de Jeremoabo. Nessas cartas Joana Medrado analisou os discursos dos vaqueiros e suas reivindicações. Possível notar uma relação direta entre os vaqueiros e os proprietários que não figuravam em relações de dominação. Do mesmo modo, como argumenta a autora, existia uma relação de dependência dos proprietários com os vaqueiros, contudo, os fazendeiros tinham que, nas palavras de Joana Medrado, “inteligentemente com essa dependência, no sentido de manter a honestidade e fidelidade do vaqueiro em relação a ele” (p. 130). Também, para os vaqueiros era possível exigir melhores condições de trabalho e aumento de salários, o que expressava tomada de “consciência sobre as mudanças nas relações de trabalho que se processavam no período” (p. 132). O recurso retórico fazia parte da estratégia de sobrevivência dos vaqueiros e, ao mesmo tempo, marcava a relação simbiótica. Através das exigências encontradas nas epístolas, segundo Joana Medrado, é possível perceber como eram afirmados os pactos, e como eram exigidos os direitos e respeito aos patrões.

O quarto e último capítulo a autora continua versando sobre como foi forjada as imagens de prestígio, liberdade e autonomia laboral dos vaqueiros. Através de fontes diferenciadas, como a literatura de cordel e suas fábulas de bois e vaqueiros ‘encantados’, compilações de folcloristas e entrevistas retiradas do projeto “histórias de vaqueiros – Vivências e mitologias”.¹ A partir da leitura dessas fontes, foi permitido perceber variadas ‘subversões’ do cotidianos dos vaqueiros e continua com o exercício de refletir sobre a autonomia dos subalternizados. Uma preocupação que norteia toda a pesquisa é o esforço em demonstrar que o “prestígio dos vaqueiros não provinha apenas do fazendeiro, ou seja, não foi apenas a relação de maior intimidade e cumplicidade

¹ Desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), 1985-1988.

com o dono da fazenda que fez do vaqueiro-administrador um tipo proeminente no sertão” (pp. 157-58). Além de perceber como os vaqueiros se organizavam e resistia nas malhas do poder, Joana Medrado utiliza o folclore “para tentar desvendar aspectos do ‘universo mental’ dos vaqueiros nordestinos” (p. 166). Com essa janela, seria possível embrenhar nos costumes desses indivíduos e rememorar suas facetas cotidianas, suas efemérides, suas crenças e seus anseios.

Além de contribuir com a historiografia regional e local – não existem trabalhos acadêmicos sobre a região – o livro fornece outros aportes interessantes para a historiografia ao adotar uma nova forma de descortinar as relações sociais entre vaqueiros e fazendeiro nos sertões nordestinos. Apesar de já existir uma literatura farta sobre o tema, Joana Medrado sobrepõe às contribuições “clássicas”, que viam sempre uma relação assimétrica entre vaqueiros e fazendeiros, em que os primeiros obedeciam “inconscientemente” e os segundos mandavam. No jogo da dominação é preciso existir reciprocidade, por mais que as agruras dificultassem as vidas dos vaqueiros, reivindicações eram tomadas e formas sutis de estratégia para desmobilizar o poder eram tomadas. Por essa razão a autora faz questão de analisar os dois lados da moeda: fazendeiros e vaqueiros. A perspectiva do proprietário foi necessária para compreensão das estratégias cotidianas dos vaqueiros a partir das reivindicações ao que eles consideravam como direito. Assim como o contraponto que historiadores da escravidão fizeram a ideia de “escravo-coisa”, Joana Medrado segue nessa teia de possibilidades para suprimir os estudos reducionistas. Nos rastros e ações dos vaqueiros ela nos mostra uma miríade de caminhos alternativos à dominação irrestrita: “afirmação da dignidade pessoal e profissional” e a “reivindicação de melhores condições em diálogos francos” com os proprietários (p. 205). Essa hipótese da autora permeia por toda a obra, uma relação simbiótica (porém com resultados diametralmente opostos), assim como o caso do vaqueiro-administrador José Lins Barreto, abordado no terceiro capítulo, quando em carta endereçada a Cícero Dantas, o barão de Jeremoabo, tentava negociações em prol de melhores condições de trabalho.

Ao longo dos quatro capítulos Joana Medrado trata das ações de vaqueiros que resistiram ao contexto de dominação dos fazendeiros e criaram perspectivas reais e imaginárias para alcançar um maior prestígio social e estabelecer limites nas relações de trabalho. O livro *Terra de vaqueiros* volta e meia torna-se repetitivo. A ênfase da autora

é demarcar território dispare das obras “clássicas” que reduziam as relações de trabalho na pecuária sertaneja pelo viés da labuta e subserviência.

Tornar o vaqueiro um agente ativo nos seus ideais foi o principal mote da autora. Para isso, desbravou a documentação com astúcia para encontrar as façanhas desses atores sociais de carne e osso que através de suas experiências sobreviveram às amarras do contexto.

A obra se insere no campo de estudos voltados para o “mundo do trabalho”. E por isso sua leitura é imprescindível para quem estuda as relações trabalhistas, sobretudo na zona rural do sertão baiano. Além da relevância acadêmica, sua obra é recomendada para aqueles que desejam conhecer as lendas e “causos” do povo sertanejo. A partir de uma escrita cuidadosa, o livro *Terra de vaqueiros* de Joana Medrado cativa até mesmo leitores afastados dos estudos sertanejos.